

CRONOTOPO E MEMÓRIA NA OBRA “OS PASSOS PERDIDOS” DE ALEJO CARPENTIER

Agna Correa Britis Baldissarelli¹

RESUMO:

A proposta a ser apresentada tem como intenção estudar o cronotopo no romance do século XX, “Os Passos Perdido” (2009), do escritor cubano Alejo Carpentier pelo viés da memória do protagonista. No que refere a problematização busca se identificar o cronotopo de viagem, utilizando como recurso a memória. Têm-se como objetivos refletir a partir da memória na obra Os Passos Perdidos (2009) analisar a viagem como fio desencadeador, no propósito de compreender as possíveis acepções identitárias, na prosa romanesca, no transcurso de transformação na narrativa latino-americana, no século XX. A identificação dos traços e a análise destes processos realizar-se-á pelo viés da memória e a forma de como constitui o protagonista no mundo de relações sociais e que terá como enfoque os estudos de Mikhail Bakhtin, Questões de Literatura e de Estética: A Teoria do Romance (2010) e Henri Bergson (1999). Como método será empregado à pesquisa bibliográfica ao utilizar artigos, periódicos, livros e informações acessíveis na internet.

Palavras-chave: Cronotopo; Memória; Alejo Carpentier Valmont.

ABSTRACT:

The proposal to be presented intends to study the chronotope in the novel of the twentieth century, "Os Passos Perdido" (2009), by the Cuban writer Alejo Carpentier for the bias of the protagonist's memory. In what refers to problematization, it seeks to identify the travel chronotope, using memory as a resource. The objectives are to reflect from the memory in the book The Lost Steps (2009) to analyze the trip as a triggering thread, in the purpose of understanding the possible identities, in the romanesque prose, in the course of transformation in the Latin American narrative, in the century XX. The identification of the traits and the analysis of these processes will be carried out by memory bias and the way in which it constitutes the protagonist in the world of social relations and that will focus on the studies of Mikhail Bakhtin, Issues of Literature and Aesthetics: The Theory Of Romance (2010) and Henri Bergson (1999). As a method will be used for bibliographic research when using articles, periodicals, books and information accessible on the internet.

Key-words: Cronotopo; Memory; Alejo Carpentier Valmont.

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* em Estudos Literários, pela UNEMAT, turma 2016, campus Tangará da Serra - MT. Endereço eletrônico. agnacb@gmail.com sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Walnice Vilalva

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como intenção fazer um estudo acerca do cronotopo de viagem como tipologia narrativa e o seu desenvolvimento histórico-literário, no romance *Os Passos Perdidos* (2009), do escritor latino-americano Alejo Carpentier e tem como objetivo analisar a memória do protagonista como fio desencadeador, no propósito de compreender as possíveis acepções identitárias, na prosa romanesca, no transcurso de transformação na narrativa latino-americana do século XX. O estudo será desenvolvido a partir do romance *Os Passos Perdidos* (2009), que está inserido na modalidade de cronotopo narrativo de viagem.

A viagem é o que anuncia a forma e a maneira de contar, em que é apresentada como o ato de narrar a própria realidade do protagonista.

Neste viés, o trabalho tem como objeto de estudo o romance *Os Passos Perdidos* (2009), do escritor cubano Alejo Carpentier, sob a perspectiva da memória do protagonista por meio do cronotopo.

Assim, a memória do protagonista nomeia alguns elementos da obra *Os Passos Perdidos* (2009), que será apontado no texto, sobretudo o processo de (re) construção do protagonista como parte da América Latina e o motivo encadeador da construção da identidade do mesmo.

O estudo justifica-se pela necessidade de compreendermos a narrativa de Carpentier através da memória do protagonista em que vai desenhando todo o cenário de formação da América Latina do século XX.

CRONOTOPO

Em questões de Literatura e Estética, Mikhail Bakhtin (2010), nomeia como cronotopo a interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimilados na literatura. Bakhtin emprega o termo cronotopo no sentido da indissolubilidade de espaço e de tempo, entende-se cronotopo como uma categoria conteudística - formal da literatura.

Segundo o teórico russo, o cronotopo artístico-literário é onde ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto.

Aqui o tempo condensa-se, comprime-se torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico. (BAKHTIN, 2010, p.211)

De modo que na literatura, o processo de assimilação do tempo, do espaço e indivíduo histórico real que se revela neles tem fluído complexo e intermitente e que assimilam alguns aspectos determinados e acessíveis em certas condições históricas que apresentam formas determinadas de reflexão do cronotopo real.

É através do cronotopo que elucida a categoria de gêneros e subgêneros na literatura. O cronotopo é o que conduz o tempo e revelado pelo espaço sendo assim, a ideia de tempo, apresentada por Bakhtin, está intimamente ligada ao homem, que se transforma, modifica com o tempo. O tempo é medido pela transformação do herói e o tempo vivido não é mesmo presentificado, a vida, o homem e a natureza estão intimamente interligados, de modo que a natureza vem como força brutal mostrando aos seres ficcionais sua pequenez diante do mistério que não se desvenda.

Bakhtin enxerga o tempo como uma espécie de elo entre ficção e a realidade, ou seja, as relações temporais do romance estabelece uma interface com a realidade, um elo de ligação. Nas palavras do autor.

A obra e o mundo nela representado penetram no mundo real enriquecendo-o, e o mundo real penetra na obra e no mundo representado, tanto no processo da sua criação como no processo subsequente da vida, numa constante renovação da obra e numa percepção criativa dos ouvintes-leitores. Esse processo de troca é sem dúvida cronotópico por si só: ele se realiza principalmente num mundo social que se desenvolve historicamente, mas também sem se separar do espaço histórico em mutação. Pode –se mesmo falar de um cronotopo criativo particular, no qual ocorre essa troca com a vida e se realiza a vida particular. (BAKHTIN, 2010, p.358-359)

Na obra literária o tempo é inseparável do mundo imaginário, o tempo é mostrado através dos acontecimentos e suas relações com o sujeito e o espaço. E Nunes, no livro *O Tempo da Narrativa* (2002), aborda a respeito do tempo da obra literária. “No plano imaginário, o tempo não é apresentado senão através dos acontecimentos e suas relações salvos quando ocorrem assinalando momentos ou fases de expressões ou fases e expressões temporais” (NUNES, 2002, p.24). O tempo é fio condutor da narrativa que transporta para passado, presente e futuro nos quais se localizam as personagens da obra.

Na narrativa o autor, elege um narrador protagonista que participa dos acontecimentos narrados em que o tempo vivido não é o mesmo tempo que narra, a personagem constrói a identidade de si mesmo. “Aquele que conta (aquele que traz informação sobre a história que se narra) é sempre o narrador. A sua função é informar. Não é permitida a falsidade, nem dúvida, nem a interrogação nesta informação” (TACCA, 1978, p. 64).

O narrador não possui uma personalidade, mas uma missão, ou melhor, a função de contar através do seu ponto de vista como é construída a história. O narrador é a peça chave que conduz à narrativa, contudo narrador e personagem são, essencialmente seres de papel.

Segundo TACCA (2002), o narrador deve saber para contar. É sabido que o verdadeiro estilo de um narrador não consiste tanto no que conta, mas em como conta, pois no âmbito do romance e do conto, todo narrador é fictício. A visão do narrador é que determina a perspectiva do romance.

Em *Os Passos Perdidos* (2009), o narrador-escritor exibe a história do protagonista e a viagem na selva sul americana em busca dos instrumentos musicais primitivos no meio da selva. Tendo como personagens principais o narrador protagonista, Ruth, Mouche e Rosario.

A selva é o espaço físico que reúne os elementos que compõem os nativos americanos² em que o espaço determinante representa simbolicamente e proporciona os elementos míticos. “[...] várias índias de peito nu, com o sexo apenas oculto por uma tanga branca, presa a cintura com um cordão passado entre as nádegas” (CARPENTIER, 2009, p. 185).

A natureza proporciona o espaço e o lugar acompanhando e influenciando o protagonista em suas relações humanas e estabelece a convivência com os personagens que contribuem ao protagonista a afirmação como parte integrante daquele lugar. O autor faz uso de parágrafos extensos ao narrar à obra e dessa forma cria um ritmo de leitura que permite ao leitor interagir com a história. Outro ponto que chama a atenção é a linguagem formal e a forma de organização do texto que é composto por seis capítulos e trinta e nove subcapítulos.

O narrador procura nortear por meio da memória a sua jornada na selva sul-americana e neste trajeto o personagem-narrador expõe suas ideias e reflexões acerca do mundo e o seu papel. Tacca (1983) ao abordar sobre o narrador induz que:

O mundo narrado é basicamente, um mundo in-sólito. Mundo cheio de vozes, sem que uma só seja real, sem a única voz real do romance revele sua origem. Nada ocultou tanto a sua essência do narrativo como o facto de se ver no relato algo natural, de evidente, mero comentário, reprodução, “imitação” do mundo. (TACCA, 1983, p.61)

O narrador protagonista é o que detém a voz, é um estudioso da música que se encontrava de férias, por considerar seu trabalho enfadonho é convidado por um Curador da Universidade que é financiadora desta expedição para coletar instrumentos musicais

²Índios e negros.

primitivos³. O financiamento desta pesquisa de base científica é apenas a premissa para fuga do espaço em que o cerca, um mundo vazio, sem graça e sem motivação uma vez que vive em Nova York. Com esta viagem há a oportunidade de buscar algo mais importante para si mesmo indo além de suas perspectivas é assim que se (re) conhece como parte integrante da América Latina, mas precisamente na Venezuela.

O personagem-protagonista cujo nome não é exposto no decorrer do romance; é casado com Ruth que é atriz de teatro. Com o casamento desgastado pela rotina da convivência diária, o casal passa a se suportar pelas convenções sociais e em algumas vezes a intimidade do casal é praticada não mais por prazer e sim como obrigação. Ao mesmo tempo mantém um relacionamento extraconjugal com Mouche a quem ele leva consigo na viagem. Ao longo do percurso o protagonista vai se desfazendo de algumas agruras e desvanecendo os demônios⁴. É neste ínterim que surge a descoberta do mito do Novo Mundo (El Dorado) que vai ao encontro da constituição étnico-racial de seus antepassados.

Nesta empreitada dar-se-á ao protagonista o encontro dele mesmo com relação aos seus conflitos dos quais se afirmará é negará a própria identidade. É neste processo que o eixo motivador passa a ser o Velho Mundo (Europa) e o Novo Mundo (América Latina). Neste centro de reconstituição nos esbarramos com Mouche que é a representação do velho mundo que no caminho vai se esfacelando nos momentos que o protagonista vai se afirmando como integrante naquele espaço. Por outro lado, Rosario idealiza-se como a peça chave desta descoberta.

A tríade formada entre as personagens Ruth, Mouche e Rosario representa de forma alegórica o percurso do personagem no processo de composição como protagonista de *Os Passos Perdidos* (2009). Diante da complexidade que nos é apresentado o seu mundo elas representarão o transcurso deste enredo.

Podemos citar a princípio Ruth, a esposa de origem inglesa, ao qual pressupomos que faz parte de sua formação a luta, a rigidez, a frieza, a introspecção e a tradição, o que nos conduz ao exílio do escritor com a prisão interna do protagonista. Porém, Mouche que é de origem francesa, apresenta parte da cultura da Europa, a boemia, as noites de prazeres sem apego. “[...] Cabelos louros esverdeados olhos castanhos jaspeado de verde e amarelo [...]” (CARPENTIER, 2009, p. 106). E Rosario que é latina americana, apresenta todas as características da formação de sua nacionalidade. “[...] Rosario compunham as diversas raças, índia pelos cabelos e pelos pômulos, mediterrânea pela testa e pelo nariz e negra pela sólida

³ Indígenas.

⁴ A solidão, o vazio, a incompletude.

redondeza dos ombros e pelo quadril. [...]” (CARPENTIER, 2009p. 89). É construída na voz do narrador como a legítima representação do continente americano latino.

Ao contrapor as personagens, percebemos que Mouche, representa o exílio na França do autor no ano de 1928 e a relação afetiva do pai de origem francesa. Já Ruth assemelha-se a Cuba e a década de 20 do século XX, lugar onde o autor foi preso, vindo a fugir para França, que retornou a Cuba no ano de 1939. Rosario reproduz a liberdade, a Venezuela aproximadamente entre os anos de 1945 a 1959. “Eis aqui, pois, o idioma que falei em infância; o idioma que aprendi a ler e a solfejar; o idioma embolorado em minha mente pelo pouco uso, deixado de lado como ferramenta inútil, em país onde pouco poderia servir” (CARPENTIER, 2009, p.45).

Para o gênero romanesco, não é a imagem do homem em si que é característica, mas justamente a imagem de sua linguagem. Mas para que esta linguagem se torne precisamente uma imagem de arte literária, deve-se tornar das bocas que falam unir-se à imagem do sujeito que fala (Bakhtin, 2010, p. 137)

O excerto acima nos fala que o dono da palavra no romance é o narrador e ao retornarmos a análise do texto, o mesmo conta de si mesmo e se reporta ao passado, sendo que, o tempo narrado e o tempo vivido não são os mesmos.

O narrador protagonista no decorrer da narrativa revive o poema a *Cancion a Las Ruinas de Itálica* do poeta Rodrigo Caro⁵, em que há o estaque dos versos “[...] Estes, Fábio, ai dor!, que vês agora. Estes, Fábio, [...]” (CARPENTIER, 2009, p.45) estes são recitados em alguns capítulos no decorrer da obra. O protagonista utiliza-se da memória como recurso para reportar ao personagem Fábio que na voz do narrador visita as ruínas da antiga vila de Fabio em que mostra todo o esplendor e devastação perdidos no tempo. Rodrigo Caro em seu poema a *Cancion a Las Ruinas de Itálica* representa a Itália em seus dois grandes momentos: o apogeu e decadência. O protagonista utiliza-se deste recurso ao se apoderar da história de Fabio e assim, correlacionar o que tem sido sua história com a América Latina antes vista em glória e nesta fase devastada pelas guerras políticas e sua reconstrução.

E neste rememorar fica explícito o sentimento de pertença em que o protagonista torna-se habitante da selva, espaço em que reconhece como parte da sua terra natal. “[...] meu passado exigia o cumprimento de um último dever, com a ruptura do vínculo legal que me atava ainda ao mundo de lá. [...]” (CARPENTIER, 2009, p.254). Mais adiante, o protagonista é resgatado e se vê obrigado a voltar para o mundo civilizado representado pela Europa e, levando consigo os instrumentos primitivos e promete a Rosario que logo regressará. “[...]Jali,

⁵ Rodrigo Caro, escritor espanhol, Canción a las Ruinas de Itálica.

no chão, junto a uma espécie de fogareiro, estavam os instrumentos musicais cuja coleção me havia sido encomendada no começo do mês [...]” (CARPENTIER, 2009, p. 188).

Após alguns meses em Nova York o protagonista retorna para Puerto Anunciación e encontra Rosario como “mulher de Marcos” e o romance termina com o protagonista de volta à selva.

MEMÓRIA

Henri Bérghson (1999) reporta aos estudos da memória que se dá no indivíduo ao qual a relaciona com o seu passado para se reconhecer. É o caso da obra *Os Passos Perdidos* (2009), em que a memória do narrador protagonista está relacionada com as imagens. Identificamos como imagens-lembranças o momento que o narrador sente o cheiro da planta. Momentos esses, que estavam em seu inconsciente e sem querer voltaram em sua mente.

[...] minha mão roçou uma alfavaca planta num vaso. Detive-me, profundamente comovido, ao encontrar o perfume que sentia na pele de uma menina- Maria Del Carmen, filha daquele jardineiro. - quando brincávamos de casados no quintal de uma assombreada por um grande tamarindo [...] (CARPENTIER, 2009, p.46)

Bérghson (1999) define como memória regressiva tudo aquilo que registramos em forma de imagens-lembranças, todos os fatos da nossa vida, os acontecimentos do nosso passado ficam armazenados pelo mero efeito de uma necessidade, no qual as imagens são invocadas por meio de percepções, através de ações. Assim, as imagens-lembranças são evocadas por intermédio de percepções da personagem protagonista por meio dos acontecimentos da sua vida cotidiana.

[...] nossa memória escolhe sucessivamente diversas imagens análogas que lança na direção da percepção nova. Mas essa escolha não se opera ao acaso. O que sugere as hipóteses, o que preside de longe à seleção, são os movimentos de imitação pelos quais a percepção prolonga-se, e que servirão de quadro comum à percepção e às imagens rememoradas. (BERGSON, 1999, p.116)

A obra é apresentada pela memória do protagonista centrada no cotidiano, é ele que detém a voz.

Mas tais rebeldias eram pagas, no ofício, com um longo desemprego, e Ruth, que começara a dizer o texto na idade de trinta anos, via-se chegar aos trinta e cinco, repetindo os mesmos gestos, as mesmas palavras, todas as noites da semana, todas as excursões de verão. O êxito da obra aniquilava lentamente os intérpretes, que envelheciam à vista do público dentro de suas roupas imutáveis, e quanto um deles morrera de um enfarte, certa noite, após cair o pano de fundo, a companhia, reunida no cemitério na manhã seguinte, fez- talvez sem se perceber disso – uma ostentação

de roupas de luto que tinham um não sei quê de daguerreótipo[...].
(CARPENTIER, 2009, p.7)

Por intermédio da voz do narrador o personagem ganha vida e aos poucos é (re) construído um fluxo na narrativa, porém no desenvolver da trama ocorrem alguns vazios que se percebe a partir do relacionamento do personagem protagonista consigo mesmo e com o real “[...] Estes Fábio, aí dor!, Que vês agora. Estes Fabio...[...].” (CARPENTIER, 2009, p.45). Ao apontar resquício de incompletude existencial, percebido quando a esposa sai a trabalho numa companhia de teatro como cantora de fama lírica. Presente na voz do próprio protagonista.

Tive uma tremenda sensação de solidão. Era a primeira vez, em onze meses, que me via só, fora do sono, sem uma tarefa a cumprir de imediato, sem ter de correr para a rua com o temor de chegar tarde a algum lugar. Estava longe do aturdimento e da confusão entre os estúdios, num silêncio que não era quebrado por músicas mecânicas nem vozes aumentadas. (CARPENTIER, 2009, p.10)

Nesse momento de solidão, observamos que o protagonista reflete como têm transcorrido os últimos anos de sua vida em que se depara com uma vida que se repete regularmente “[...] dias em que todo gesto me produzia obsedante impressão de tê-lo feito antes em circunstâncias idênticas de ter sentado no mesmo canto, de ter contado a mesma história” [...] (CARPENTIER, 2009, p. 11).

Este processo reflexivo se dá no momento em que se encontra sozinho em casa na qual passa a olhar a vida pregressa e chega à conclusão de que o homem está preso às convenções e pressões impostas pela sociedade do seu tempo. A síntese se faz presente em “[...] Caíramos na era do homem-Vespa, do homem-Nenhum, em que as almas não se vendiam Diabo, mas ao Contador ou ao Comitê [...]” (CARPENTIER, 2009, p. 11).

Nesse sentido, notamos a desestruturação do ser humano e sua solidão das quais são características do homem moderno, em que perpassa todo o estranhamento com o mundo da qual está inserido o protagonista, um nova-iorquino, que possui uma vida sem muitas expectativas, somente nos momentos das escapadas noturnas é que se sente realizado. “Minha alma diurna estava vendida ao contador” (CARPENTIER, 2009, p.11).

A origem da problematização em torno da personagem protagonista surge a partir da sua convivência no centro urbano, em que se constitui um ser em conflito consigo mesmo e com a sociedade em que o rodeia. Daí, a necessidade da fuga que se reflete nas andanças noturnas. “Não via onde achar alguma liberdade fora da desordem de minhas noites, em que tudo era bom pretexto para me entregar aos mais reiterados excessos” (CARPENTIER, 2009, p. 11).

A ânsia de liberdade o leva como vimos, a saídas noturnas, a fuga da realidade inquietante que o perturbava. Levando-o a encontrar não o que procurava, mas o que acabara por suprir uma falta. “Eu a conhecera dois anos, durante uma das tantas ausências profissionais de Ruth, embora minhas noites se iniciassem ou terminassem em seu leito, entre nós eram ditas muito poucas frases de carinho” (CARPENTIER, 2009, p.28). Notamos que essa falta está relacionada ao plano físico, pois Ruth ausentava-se e o protagonista buscava realizar-se como homem nos braços de Mouche. “Regressava a sua carne que era necessária, pois encontrava em sua profundidade a exigente e egoísta animalidade que tinha o poder de modificar o caráter de minha peregrina fadiga, passando-a do plano nervoso ao plano físico” (CARPENTIER, 2009, p. 28).

O narrador protagonista conta a partir das suas reminiscências a sua trajetória da cidade à expedição pela selva, jornada esta que serve também como processo de autoconhecimento do sujeito, que passa a questionar seu papel no mundo das relações. Como reflete o próprio narrador referindo-se à selva: “Aqui tudo parecia outra coisa, criando-se um mundo de aparências que ocultava a realidade, pondo muitas verdades em interdição” (CARPENTIER, 2009, p.179). É inevitável notar o estranhamento que se dá a essa altura, pois o personagem vive um processo conflituoso, cujo embate se opera na tensão eu e mundo, alterando e prolongando a perspectiva do primeiro. “É um rio que se lança ao vazio e se desfaz em arco-íris sobre a costa petrificada, balizada por árvores.” (CARPENTIER, 2009, p. 201).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no caminho analítico percorrido neste estudo, percebemos que o cronotopo possui forte ligação com a construção do protagonista. O cronotopo atua como elemento central na estruturação do personagem, edificando-o e colocando-o como cerne de toda a narrativa. Desta forma, tempo e espaço tornam-se aliados em um processo de construção narrativa que edifica o protagonista mediante sua transitoriedade, isto é, por meio de seus deslocamentos é que o leitor passa a conhecer a personalidade do personagem.

Há na narrativa um tempo fabular que está atrelado a viagem do protagonista Europa/América; um tempo histórico que nos remete a construção da América Latina e o tempo da narração que resulta na escrita do romance, os espaços presente na obra são diversos mas o

que ressalta aos olhos do leitor é nova York / América latina e o que ganha destaque é a Selva Amazônica.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética**: 6º Ed. A Teoria do Romance. São Paulo. HUCITEC.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **Poder Simbólico**. Ed. Bertrand Brasil S/A, 1989.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARPENTIER, Alejo Y. **Os passos perdidos**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CARPENTIER, Alejo. Disponível <<http://www.buscabiografias.com>> Acesso em: 14 jul. 2015

MIRANDA, Antonio. **Rodrigo Caro**: Poesia Ibero-americana Espanã. 2004. Disponível em <<http://www.antoniomiranda.com.br>> Acesso em 15 jul. 2015.